

“A TERRA MAIS PERTO DO CÉU”

BICENTENÁRIO DE MORTE

A LEIJADINHO

1738



1814

Aleijadinho



Capitão Francisco de Almeida

# Uma vida e muitas polêmicas

*Mádia do Prado Pereira e Iris Lúcia Costa Santos*

A vida e a obra de Antônio Francisco Lisboa, O Aleijadinho, estão repletas de controvérsias, mesmo sendo ele um dos personagens da História do Brasil mais biografados.

A primeira biografia do artista, denominada Traços biográficos relativos ao finado Antônio Francisco Lisboa, foi escrita em 1858 por Rodrigo José Ferreira Brêtas. Os escritos foram publicados em forma de capítulos no jornal “Correio Oficial de Ouro Preto”. Brêtas redigiu esta biografia 44 anos após a morte do artista, e muitas das informações ali contidas foram retiradas de arquivos ainda intactos à época. As informações também foram obtidas em entrevistas com pessoas que conheceram o artista, dentre elas sua nora, a parteira Joana Lopes, “Que dele tratou caridosamente até o seu falecimento, o qual teve lugar dois anos depois de seus últimos trabalhos de inspeção na Capela do Carmo, a 18 de novembro de 1814”. Ainda hoje a biografia de Rodrigo Brêtas é considerada fundamental para o estudo de Aleijadinho.

Segundo o biógrafo, Antônio Francisco Lisboa nasceu em Ouro Preto, antiga Vila Rica, em Minas Gerais, no dia 29 de agosto de 1730. Estudos posteriores, no entanto, contestaram a data mencionada e atualmente considera-se como data oficial de seu nascimento o ano de 1738.

As polêmicas sobre Aleijadinho não se restringem aos fatos relacionados à vida do artista, mas se estendem a sua obra. Um exemplo disso é o número de figuras que compõem as cenas dos Passos da Paixão, feitas em tamanho natural e talhadas em madeira. Saint-Hilaire, que esteve no Brasil no período de 1816 a 1822, contabilizou, por ocasião de sua passagem por Congonhas do Campo, um total de 66 figuras. Mário de Andrade, no entanto, quando visitou a cidade, em 1917, contabilizou 74 figuras. Considera-se atualmente o número de 64 imagens, excetuando os 12 profetas.

A doença que se manifestou no artista também guarda seus mistérios. De fato, nem as exumações de seus restos mortais foram capazes de identificar a moléstia que o acometeu. Decorre daí as inúmeras teses sobre a doença e mitos sobre a pessoa. Não é de surpreender que nesse quesito também haja controvérsias entre seus biógrafos. E como numa comédia de suspense, não poderia faltar o intrigante fato de uma exumação clandestina realizada pelo historiador inglês Jonh Bury, em 1948, com a ajuda do zelador da igreja, Manuel de Paiva, conforme relata a pesquisadora Myriam Andrade Ribeiro de Oliveira no prefácio do livro Aleijadinho, o Teatro da Fé, de José de Monterroso Teixeira.

Diante de tantas incógnitas, é compreensível o fascínio que ele despertou e ainda desperta em muitos pesquisadores.

## O homem

Antônio Francisco Lisboa nasceu em Ouro Preto em 1738. Filho do português Manuel Francisco Lisboa, respeitado mestre de obra e arquiteto, com sua escrava chamada Isabel.

A descrição de Brêtas abarca a figura e o temperamento como sendo um homem “pardo escuro, tinha voz forte, a fala arrebatada, e o gênio agastado: a estatura era baixa, o corpo cheio e mal configurado, o rosto e a cabeça redondos, e esta volumosa, o cabelo preto e anelado, o da barba cerrado e basto, a testa larga, o nariz regular e algum tanto pontiagudo, os beiços grossos, as orelhas grandes, e o pescoço curto.”

A pesquisadora Myriam Andrade Ribeiro de Oliveira, no prefácio ao livro *Aleijadinho, o Teatro da Fé*, de José de Monterroso Teixeira, afirma, com base nos escritos de Brêtas, que antes das manifestações da doença que o abateu, Aleijadinho era “alegre e extrovertido, amante da boa mesa, gostando de festas e do sexo feminino”. E acrescenta: “como o Mestre Valentim no Rio de Janeiro, suspirava provavelmente pelas mulheres brancas, que tomou por modelos de todas as figuras femininas, pois nunca representou mulatas (...)”.

Germain Bazin, no livro *O Aleijadinho*, menciona o fato de que o artista era celibatário. Todos os seus biógrafos, entretanto, asseveram que ele teve um filho natural em 1775, nascido de uma mestiça carioca de nome Narcisa.

Se grande parte da vida de Aleijadinho ainda é uma incógnita para os pesquisadores, mais ainda para o público. De fato, muitos se surpreendem ao saber que ele, assim como o pai, era senhor de escravos. Seus biógrafos são unânimes em citar que Aleijadinho possuía quatro escravos, sendo três homens, Maurício, Januário e Agostinho, e uma mulher de nome Anna. Maurício e Agostinho eram seus auxiliares. O primeiro era considerado o favorito de Aleijadinho e, conforme relato de Brêtas, era seu meeiro nos salários.

Independentemente dos diversos relatos sobre seu comportamento ora celibatário ora boêmio, fato é que conforme descreve John Bury, em *Arquitetura e Arte Colonial* “qualquer que tenha sido a doença do Aleijadinho e a natureza exata dos sintomas, é claro que seu corpo ficou horrivelmente deformado. As consequências sobre seu caráter são narradas por Brêtas em termos dramáticos. A curiosidade e os olhares indiscretos provocados pela sua aparência humilhavam e mortificavam sua natureza orgulhosa e sensível. Tornou-se amargo, desconfiado e sujeito a violentos acessos de raiva mesmo quando recebia as maiores cortesias dos admiradores de seu trabalho, manifestava uma perversa argúcia em descobrir intenções de zombaria e desprezo nos elogios, chegando a extremas precauções para evitar que o observassem.”

Bury continua descrevendo que “depois da doença fatal, passou a usar um comprido casacão de grosso pano azul que lhe cobria os joelhos, calças e colete feitos de qualquer outro tecido adequado, e adaptava sapatos pretos aos pés, para que parecessem normais. Ao andar a cavalo, também trajava uma ampla capa de manto negro, com mangas longas. Usava a gola virada para cima, assim como um capuz e um chapéu de feltro marrom braguez, com as largas abas atadas no alto por duas fitas. Saía de casa ao raiar do dia e só voltava depois de escurecer. Quando trabalhava, mandava colocar biombos e toldos a sua volta, de modo a ficar totalmente oculto à visão. Afastado de todas as relações sociais, exceto alguns amigos íntimos com quem ainda conseguia se alegrar, encontrava alguma compensação na leitura. Informa Brêtas que ‘sua leitura favorita era a Bíblia’, e também, segundo consta, ‘obras de Medicina em especial de Química’.”

Sabe-se que Aleijadinho não soube juntar fortuna, contudo não chegou a passar necessidade. Nos últimos anos de vida mudou-se para a casa da nora, de nome Joana, que cuidou dele até a data de seu falecimento em 18 de novembro de 1814.

## Formação

Rodrigo Brêtas afirma que Aleijadinho “sabia ler e escrever, e não consta que tivesse frequentado alguma outra aula além da de primeiras letras, embora alguém julgue provável que tivesse frequentado o latim.” Segundo ele, o conhecimento do artista sobre desenho, arquitetura e escultura “foi obtido na escola prática de seu pai e talvez na do desenhista e pintor João Gomes Batista”.

Manuel Bandeira, em *Crônicas da Província do Brasil*, ressalta que a genialidade de Aleijadinho possuía raízes hereditárias, pois o pai do artista, Manuel Francisco Lisboa, era considerado no Brasil “o melhor arquiteto do seu tempo, autor da igreja da Conceição (Matriz de Antônio Dias) em Ouro Preto. O irmão de Manuel Francisco, Antônio Francisco Pombal, construiu e adornou interiormente a Matriz do Fundo de Ouro Preto, obra admirável.” E conclui: “Antônio Francisco Lisboa tinha a quem sair.”

José de Monterroso Teixeira também aponta para a possibilidade de Aleijadinho ter “frequentado os estaleiros das obras em que o pai intervinha, e as aulas que este aí costumava assegurar, como é o caso das lições prestadas na Casa dos Contos. Assim, embora fosse teórico-prático, terá beneficiado da ajuda paterna para precocemente ter acesso ao contato direto com os estaleiros emergentes na cidade.” O autor considera ainda que a aprendizagem do artista no domínio escultórico, retabular em talha, foi tutelada pelo pai e, nessa condição, o teria acompanhado na execução do notável conjunto de altares em talha dourada, colocados na nave da igreja de Nossa Senhora da Conceição. O tio, Antônio Francisco Pombal, autor do imponente altar-mor da mesma igreja, também o teria influenciado no aprendizado.

## A doença

Rodrigo Brêtas, seu primeiro biógrafo, afirma que Aleijadinho ficou doente em 1777, aos 39 anos de idade. Até então, “gozava de perfeita saúde e se comprazia livremente dos prazeres sensuais”. A natureza da moléstia que o vitimou, no entanto, continua sendo objeto de estudos e muitas hipóteses surgiram.

O autor atribuiu à doença aos “excessos venéreos” sem, contudo, especificar qual seria esse diagnóstico, enumerando diversas possibilidades, dentre elas uma de nome Zamparina, mal epidêmico que ocorreu na cidade de Ouro Preto. Segundo Germain Bazin, “teria sido uma espécie de gripe, acarretando alteração no sistema nervoso e locomotor”.

Outras hipóteses surgiram, como a Boubá, ou Framboesia Trópica, doença produzida por um micróbio da mesma família do da sífilis, que teria existido em Minas Gerais no século XVIII, cuja progressão acarreta mutilações semelhantes às narradas sobre Aleijadinho. Houve quem mencionasse outras possíveis doenças, a exemplo da Hanseníase, do Reumatismo deformante, da Esclerose Sistêmica, dentre outras.

Fato é que a doença que o acometeu teve consequências devastadoras. Segundo consta, Aleijadinho perdeu todos os dedos dos pés, o que o forçou a andar de joelhos; os dedos das mãos atrofiaram-se e alguns chegaram a cair, tendo restado os polegares e os índices, porém, quase sem movimentos. Manuel Bandeira, em *Crônicas da Província do Brasil*, descreve que “o artista padecia frequentemente dores violentas, tão agudas que o levaram mais de uma vez a mutilar-se os dedos com o próprio escopro com que feria a pedra.”

## Mitos

### 1- Imagem de São Jorge



Rodrigo Brêtas relata que o general D. Bernardo José de Lorena, governador de Minas Gerais, chamou Aleijadinho em audiência para solicitar-lhe a construção de nova imagem de São Jorge, que anualmente costuma sair a cavalo na procissão de Corpus Christi na cidade de Ouro Preto. O governador considerava a existente muito pequena. Ao comparecer no palácio, o coronel José Romão, ajudante de ordens do general, ao vê-lo exclamou, recuando: feio homem! Aleijadinho ameaçou retirar-se, mas foi acalmado pelo general, do qual ouviu os detalhes relativos à imagem de São Jorge, que deveria ser grande a exemplo do ajudante de ordens ali presente. Ao entregar a encomenda, ficou evidente a todos que a mesma era cópia fiel do ajudante José Romão. O fato tornou-se motivo de riso na cidade e de nada adiantou as súplicas de Romão para que a imagem não saísse em procissão. Decorre desse episódio o surgimento da seguinte quadra:

“O São Jorge que ali vai,  
Com ares de santarrão,  
Não é São Jorge nem nada,  
É o coronel Zé Romão.”

2- Manuel Bandeira, citando Rodrigo Brêtas, no livro *Crônicas da Província do Brasil*, conta “a lenda de uma maravilhosa porta de entrada, executada no Rio para uma igreja da cidade. O caso ter-se-ia passado assim: a irmandade da tal igreja abriu concorrência para a talha da porta. Antônio Francisco, que se achava temporariamente na Corte, apresentou-se a disputar a empreitada. Desconhecido inteiramente como era, a sua pessoa não inspirou mais que o espanto de vê-lo pretender à competência. Picado com a desconfiança e menoscabo que leu nos olhos da irmandade, meteu-se o artista em casa, esculpiu meia banda da porta, e certa noite, às ocultas, providenciou para que fosse ela colocada sobre os gonzos da ombreira do templo. Na manhã seguinte foi enorme a

admiração. Não havia na cidade escultor capaz de tão caprichosa talha. Dias se passaram assim, envolta em mistério a personalidade do seu autor.

Antônio Francisco, de caso pensado, escondera-se. Afinal, o mistério esclareceu-se. O artista, procurado por toda a parte, foi afinal descoberto, completou a porta maravilhosa e voltou a Minas satisfeito, no seu orgulho, de ter confundido aqueles que duvidaram do seu gênio.”

## Os viajantes

Registradas durante visitas às cidades de São João D’El Rei e Vila Rica, a visão eurocentrista percebida nos testemunhos dos viajantes Richard Burton e Auguste de Saint-Hilaire apresentavam aspectos depreciativos à arte barroca, mais especificamente sobre a obra de Aleijadinho.

Richard Burton publicou, em 1868, o livro *Viagem do Rio de Janeiro a Morro Velho*, no qual descreve a impressão que lhe causou a primeira vista da Igreja da Ordem Terceira de São Francisco, em São João D’El Rei, por ocasião de sua visita à cidade em 1867, conforme o trecho abaixo:



(...) “O templo está construído na parte mais alta da praça, e uma bela escadaria de pedra conduz ao adro ou plataforma. Há um chafariz de duas bocas, alimentado por água vinda das montanhas do sul da cidade, e assimetria exige uma chafariz correspondente do outro lado. O cemitério da Irmandade fica atrás da igreja, e um modesto Hospício dos Irmãos da Terra Santa destoa um tanto do conjunto”.

“Tem-se dito que o escultor da Igreja de São Francisco não usava régua, mas compasso; não há uma única linha reta, a não ser a vertical; o formato escolhido foi o oval, a divisão em naves e mesmo os teclados são curvos (...). O material de construção é excelente, uma bela esteatita azulada e, às vezes, de um verde maçã, que, quando são raros os fragmentos de ferro octaédrico, recebe um belo polimento. A escultura faz lembrar os trabalhos em madeira, com laboriosíssimos altos-relevos; é um trabalho – Hibernice – de um homem sem mão, cujas obras encontraremos espalhadas em toda aquela parte da Província. Esse homem é, geralmente, conhecido como o Aleijado ou Aleijadinho; alguns o chamam de O Inacinho, outros de Antônio Francisco. Seu trabalho foi feito com as ferramentas amarradas por um ajudante aos cotos que representavam os braços, e seu caso não é o único de surpreendente atividade de um tronco de homem ou de mulher. Prova-o a falecida Miss Biffin.”

O mesmo Burton se refere à Igreja de São Francisco de Assis na cidade de Ouro Preto da seguinte forma:



(...) “O exterior é bonito, mas a fachada saliente apresenta duas colunas jônicas desgraciosamente convertidas em pilastras. Na entrada, há esculturas de esteatita pelo indefectível Aleijadinho, mostrando a visão do Padroeiro e, acima, uma cruz sepulcral. As portas amarelas são de madeira de lei, com as habituais saliências em alto-relevo. O interior tem os seis altares laterais de praxe, uma profusão de quadros pendurados nas paredes caídas; um balcão para o coro, de madeira, um tanto excêntrico; um grande afresco no teto, de Santa Maria cercada pelos anjos, e a Trindade com figuras

em tamanho natural de madeira pintada. Os púlpitos, na entrada da sacristia são de pedra sabão, bem cortada e fazendo lembrar o famoso ‘braço de aprendiz’”.

Auguste de Saint-Hilaire, no livro intitulado Viagem pelo Distrito dos Diamantes e Litoral do Brasil, também registrou suas impressões a respeito da obra de Aleijadinho, mais especificamente sobre as imagens que integram a cena da Paixão de Cristo, divididas em sete passos. Sobre elas escreveu: “Está visto que eu não deixaria Congonhas sem visitar a Igreja de Nossa Senhora de Matosinhos (...). Essa igreja foi construída no cume de um morro, no meio de um terraço pavimentado de largas pedras e circundado por um muro de arrimo. Diante dela colocaram sobre os muros da escadaria e do terraço, estátuas de pedra representando os profetas. Essas estátuas não são obras primas, sem dúvida; mas observa-se no modo pelo qual foram esculpidas qualquer coisa de grandioso, o que prova no artista um talento natural muito pronunciado. Elas são devidas a um homem que residia em Vila Rica e que demonstrou desde sua infância uma grande vocação pela escultura. Muito jovem ainda, disseram-me, ele resolveu tomar não sei que espécie de bebida com a intenção de dar mais vivacidade e elevação a seu espírito; mas perdeu o uso de suas extremidades. Entretanto prosseguiu no exercício de sua arte; e fazia prender as ferramentas na extremidade do antebraço e foi assim que fez as estátuas de Matosinhos.”

“Essa igreja é pequena, mas rica, conservada limpa e ornada de um grande número de quadros feitos em Vila Rica, dos quais vários denotam felizes inclinações para a pintura. A imagem que constitui objeto de veneração dos devotos foi colocada no interior do altar-mor, e representa Jesus Cristo morto. Beijam-se os pés dessa imagem para merecerem indulgências; depois depositam-se esmolas. Acima do altar elevam-se pequenos degraus ornados de pequenas figuras de anjos segurando castiçais, sendo que alguns têm os cabelos ridiculamente levantados em topetes. A sacristia é grande e muito bonita. De um dos lados do templo existe uma “casa dos milagres”, onde se acham reunidas em uma sala uma tão prodigiosa quantidade de oferendas e membros de ceras, que não cabe mais nada. Enfim atrás da igreja vêem-se duas construções compridas, colocadas em frente uma da outra e que são destinadas a abrigar os peregrinos e com frades estrangeiros.”

Sobre as imagens que compõem os Passos da Paixão, Saint-Hilaire pode conhecer apenas uma das capelas que à época de sua visita, no começo de 1818, já havia sido construída. Sobre elas o autor escreve: “São quadradas e terminam por um pequeno zimbório cercado por uma balaustrada”. No interior da capela, o viajante contemplou as imagens de madeira, pintadas e de tamanho natural, as quais considerou “muito mal feitas; mas como são obra de um homem da região, que nunca viajou e nunca teve um modelo com que se guiasse, elas devem ser julgadas com certa indulgência.”